

Renart e o corvo Tiécelin

Rodrigo Fernandes de SOUSA*
Viviane Moraes de Caldas GOMES**

Entre duas colinas, em um vale bem ao pé de um monte, à direita da margem de um riacho, Renart encontra um cantinho agradável e tranquilo onde avista uma faia (= árvore). Ele, então, atravessa o riacho para ir até o pé da árvore. Depois de alguns pulos e cambalhotas em torno do tronco, ela deita e rola sobre a grama verde espreguiçando-se. Ele havia descido àquele belo lugar e não tinha intenção de sair de lá se encontrasse algo para comer, pois sua permanência ali estava muito agradável. Durante esse tempo, mestre Tiécelin, o corvo, que não tinha comido nada durante o dia, não queria outra coisa a não ser repousar. A necessidade o havia conduzido para fora do bosque e ele se dirigia em disparada rumo a um cercado, mas tomando cuidado para não ser visto, ansioso para entregar-se ao combate. Lá ele avistou milhares de queijos que alguém tinha colocado para curar ao sol e a pessoa que deveria vigiá-los havia entrado na casa. Tiécelin pensou que este era o momento exato para se dar bem: então, ele abocanha um queijo! A velha corre até o meio do quintal para tentar recuperá-lo e, vendo o corvo, lança algumas pedras nele e grita: “Maldito corvo, você não levará este queijo a lugar algum”. E o corvo, percebendo que ela havia perdido o juízo, disse: “Se alguém perguntar, velhota, você poderá dizer que sou eu mesmo o ladrão; pouco me importa que eu esteja dentro da lei ou não. A ocasião faz o ladrão. Quem aos seus mal vigia, perde a cria. Cuide melhor do que lhe resta. De qualquer forma, daquele ali, não espere mais nada, já que eu terei o prazer de fazer bom uso dele. Eu me arrisquei para pegá-lo. Ele estava tão macio e tão cremoso; ele tinha um aspecto tão saboroso! Muito obrigado por este presente tão carinhoso! Se eu puder levá-lo até o meu ninho, comê-lo-ei à vontade cozido e assado. Faça, então como eu: vá embora.”

Ele retorna, então, e vem pousar exatamente sobre a árvore ao pé da qual se encontrava Renart. Estava combinado que eles deviam se encontrar naquele dia, Renart em baixo, o outro em cima. Mas havia uma diferença entre eles, é que um estava comendo,

* Aluno do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Pós-LE) da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: rfernandesufcg@gmail.com.

** Aluna do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Pós-LE) da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: vivianegomes@gmx.de.

enquanto o outro gemia de fome. Tiécelin inicia seu queijo – que ainda estava mole – a grandes bicadas e come o que há de mais cremoso e mais macio dele não fazendo ofensa alguma àquela que tentou opor-se ao roubo. Ele o faz de boa vontade, sem perceber que uma migalha cai no chão exatamente à vista de Renart, que, compreendendo o porque dele ter retornado tão cedo, balança a cabeça e se põe de pé para melhor se dar conta do que acontecia. É Tiécelin, seu velho amigo, que está lá em cima, com um belo de um queijo entre os pés. Ele se dirige a ele com familiaridade: “Por todos os santos do céu, quem eu vejo? É você, caro amigo? Paz à alma de seu pai, mestre Rohart que era um tão belo cantor! Eu o escutei orgulhar-se de ser o melhor da França. E você também, em sua juventude, pratica com frequência essa arte. Você ainda sabe cantar? Cante para mim, então, uma canção dançante.”

Ante essas palavras adadoras, Tiécelin abre bem o bico e dá um berro. “Muito bem, diz Renart, você está progredindo. Mas se você quiser, pode subir um tom.”

E o outro se põe novamente a berrar, com prazer. “Deus, diz Renart, como sua voz se tornou clara e pura! Se você não comesse mais nozes, não teria para ninguém no mundo inteiro. Sendo assim, cante uma terceira vez!” E o corvo se põe a ensaiar a mais bela voz, sem se dar conta de que, enquanto ele se esforça, sua pata se abre e deixa cair o queijo exatamente sobre o focinho de Renart. Mas, embora a raposa arda de vontade de comê-lo, ela é esperta o suficiente para abrir mão de tocá-lo, até porque ela gostaria muito de, se possível, pôr as mãos sobre Tiécelin. Ela se levanta, então, como que para se distanciar do queijo que está debaixo de seu nariz o deixando próximo de seu pé, - aquele que fora ferido pela armadilha, - de maneira que Tiécelin o veja bem: “Meu Deus, diz ele, como você me deu pouco prazer nessa vida! O que fazer, Santa Maria? Esse queijo cheira tão forte! Seu fedor vai acabar comigo! Porque, o que me incomoda, é que o queijo faz mal ao ferimento, e absolutamente não me interessa, já que os médicos me proibiram. Ah! Tiécelin, desça para me livrar desse mal. Eu não recorreria a você se o azar não tivesse desejado que eu ferisse a perna outro dia numa armadilha. Eu não pude evitar essa desgraça, e eis a mim condenado ao repouso e a usar emplastos e unguentos até que esteja de pé de novo.” Suas lágrimas e seu tom suplicante inspiram confiança ao corvo que desce do alto da árvore onde estava empoleirado, o que pode causar sua perda se mestre Renart pegá-lo. Entretanto, ele não ousa aproximar-se muito e Renart, compreendendo que ele sente medo, esforça-se por tranquilizá-lo: “Por Deus, venha logo! Que mal pode fazer a você um estropiado?” E ele se volta para o lado. O tolo, muito confiante, não compreendeu o que lhe ocorria quando Renart saltou. O lobo esperava pegá-lo,

mas ele calculou mal seu movimento. Apenas quatro penas ficam-lhe entre as presas. Mas foi por um triz que Tiécelin não se viu ainda pior recompensado. Apesar de seu pânico, ele se coloca fora de alcance com um salto e se examina sob todos os ângulos: “ Ainda bem! Eu quase não havia prestado atenção em mim hoje. Eu não calculava a maldade que ele havia pensado. Esse mal-caráter duma figa, esse manco, ele me arrancou quatro belas plumas da asa direita e da cauda. Que ele vá para o diabo! Não há mais o que dizer: é um mentiroso, um hipócrita; eu aprendi do jeito mais difícil!”

Diante do furor de Tiécelin, Renart quer se justificar, mas o corvo, que não tem mais nenhuma vontade de discutir, o deixa lá lhe aconselhando a cuidar bem do queijo: “Você não terá mais nada de mim. Eu era muito idiota por confiar em você só porque o via mancar.” Renart o deixa lamentar-se sem lhe responder e se consola com o queijo. Ele só reclama da pouca quantidade, já que só dava para uma mordida. Mas ao final de sua refeição, ele chegou à conclusão de que não se lembrava de ter comido, desde que nasceu, queijo tão bom quanto aquele. E como sua ferida não parecia estar mais mal, ele se vai sem mais nada o que acrescentar.

Assim termina esse caso e ele retoma seu caminho.